



ANANAZ, KANGUIMBU, SEIOS E VENTRE: POEMAS, TCHINGAPY EDITORA, LUANDA, 2020

<https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/920>

*ANANAZ, KANGUIMBU, SEIOS E VENTRE:
POEMAS, TCHINGAPY EDITORA, LUANDA,
2020*

Huarley Mateus do Vale Monteiro - Universidade Estadual de Roraima/UERR (<https://orcid.org/0000-0002-1181-5227>)

Ao longo de minha trajetória acadêmica tenho me dedicado ao campo literário como espaço de reflexão. É fato que minha leitura tem se construído em textos provocativos e transgressores às formas de poder e controle. Vejo que essa escolha é fortalecida a cada vez que me deparo com escritos como os de Kanguimbu Ananaz.

Confesso que minha imersão a literatura produzida por mulheres no continente africano se deu através da escrita romanesca de Dina Salustio. Mas, em fins de 2020 a Dra. Diane Santos (Universidade de Playa Ancha-Chile) me apresentou a obra *Seios e Ventres* (2020), um conjunto de poemas provocativos, tanto na forma como nos sentidos e efeitos produzidos pela potência das palavras.

A angolana Kanguimbu Ananaz, nome artístico de Maria Manuela Cristina Ananaz, em *Seios e Ventres* (2020), reafirma a escrita feminina no continente africano. Psicóloga e Mestre em Letras pela Universidade Agostinho Neto (Angola) é o campo literário que melhor traduz sua atuação: contista, ensaísta, romancista, ativista social e acima de tudo Mulher.

Seios e Ventre traz em sua composição cinquenta e um (51) poemas, cujo desenho do corpo feminino aponta para a vida cotidiana, em grupos de imagens, aromas, sabores e vozes que ressoam subjetivações. Construídos em versos livres, em que a temática centra-se na potência da poesia de cunho pós-colonialista, é marcado pela voz identitária presente nos poemas. Deles emergem vozes de sujeitos em processos de transformação o

que fortalece uma estética que se movimenta na subjetividade.

É válido lembrar que a capa do livro já traz fortes marcas de uma escrita corporal que replica outros corpos e vozes femininas. Contornos fortes inscrevem a historiografia de descobertas, superações da mulher sem perder o tom sensual e sedutor, rompendo recalques historicamente marcados. Isto pode ser confirmado por meio das inúmeras vezes em que aparece a palavra ‘seio’ em sentido de ‘seios ardentes’, ‘seios enrijecidos’, ‘meus seios abrasadores’, ‘seios tesos’ como que em gozo constante. Como exemplo, o poema *Desvendam segredos*:

Meus seios
abrasadores
desvendam segredos
atraem borboletas fecundam néctar
estação do amor
(*Seios e Ventre*, 2020, p. 32)

O título da obra, não é diferente das transgressões que os poemas trazem, e reafirma o argumento que venho construindo neste texto; expele a vida e sua forma mais íntima em um jogo de ideias em que o Seio se recobre de erotismos e sensações em relações ao Ventre que, robusto, dilata formas geográficas dando outro significado ao corpo. É a escrita historiográfica, o corpo como escrita da história, em constante movimento, atuante e provocador às formas de controle. Dessa maneira, o corpo reverberado na capa do livro, *Seios e Ventre*, não é o corpo de uma única mulher,

pois ressoa as muitas que encontram nele sua verbalização.

Publicado na Angola em 2020, pela Editora Tchingapy, tem a apresentação feita pela Dra. Daiana Nascimento dos Santos (Centro de Estudos Avançados da Universidade de Playa Ancha/Chile). O prefácio é assinado por Dra. Jurema de Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil). O prólogo é feito pelo poeta e ensaísta Ernesto Daniel (Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris – CE3L/Luanda-África)

O conjunto de imagens que vertem das leituras feitas sobre os poemas de Kanguinbu Ananaz apresentam-se em formas corporais, aromas e sabores que nos levam a imergir em uma estética que desenha relações identitárias e culturais contemporâneas. A saber, que essas são chaves de leituras que podem nos levar à camadas mais profundas do texto. Vejamos em Discurso profético, de Ananaz:

No avesso minha alma
trilha o discurso periférico
entre legendas algemadas
falácias são pinturas rupestre
Mwangueji
rasga ecos
mutamba da Sanga
(Seios e Ventre, 2020, p. 51)

A palavra é manuseada de forma a extrair efeitos e significados que tornam o texto, sem dúvida alguma, uma das marcas desta obra. Da articulação linguística emergem construções poéticas que traduzem encontros culturais, as mesclas e interações, uma junção de palavra de línguas diferentes que dialogam em prenúncio a um novo processo linguístico. É a movimentação da língua ancestral em movência com aquilo que não pode ser extinto por completo frente às violações causadas pelos processos colonialistas. Rastros dessa historiografia são fortemente marcadas na ressignificação semântica de línguas em contextos de diversidade. A saber, em Lábios meus seios:

Sexo adormece
lábios meus seios Kitaba aroma
entre apertos
saboreia gonguenha
(Seios e Ventre, 2020 p. 26)

Os versos são curtos e apresentam uma ruptura na composição, como uma fratura atuando em sentido simbólico, o que nos leva a uma carga de significados outros ao verso. A técnica usada mostra um rompimento na linearidade de sentido, monta um mosaico de imagens, sons e sabores que se articulam ao conjunto dos outros versos. É como se fosse necessário romper o sentido das coisas e adentrar em outras possibilidades semânticas que a palavra proporciona e conseqüentemente do verso/poema. É uma forma despojada de transgredir o sentido único de poema, provocar a língua do colonizador e apresentar a emergência de outra relação identitária. Isto pode ser verificado no poema Tatuei minha íris:

Tatuei minha íris
abrazei belezas exóticas no punguandongo
sol aqueceu
bandu de Muatus imaculadas no ritmo
hipérboles fervilham
geografia malangina
(Seios e Ventre, 2020 p. 59)

O desenho poético que Kanguinbu Ananaz nos apresenta, afirma um projeto artístico literário maduro e consistente. Faz uso de uma simbologia de dores e delícias do corpo, acercado de tensões cuja existência se dá frente aos desafios que lhes são caros e que traduzem a vida em sua forma mais significativa, como no poema Seios empanturrados:

Ai dói!
seios empanturrados
ventres empanturrados
Alimentai-vos de mim!
sou vida
dou vida
alimentai-vos
boca do mundo

(Seios e Ventre, 2020, p19)

A forma sensual como os textos de Kanguimbu Ananaz nos enlaçam, fazem com que o texto poético vá, aos poucos, nos conduzindo a um sentimento voraz feminino, e nos lança ao desafio de conhecermos o nosso próprio corpo, seus sentidos e significados, dores e delícias. Contudo, para além dos referenciais de sensualidade, aromas e sabores, há um clamor maior, uma voz que se dilui por entre os versos, vertendo e questionando as formas de poder inscritas sobre estética corporal, raça e gênero.

Pensando por este ângulo chego a outra chave de leitura que, ao meu ver, se esconde por entre os desenhos de sensualidade, dos aromas e sabores. Acredito que são os levantes que emergem da forma de uso do texto poético como ato, contrário ao recalque que é instituído socialmente sobre o corpo, os desejos mais íntimos, os sonhos e devires da mulher. Nesse sentido os poemas expõem a fratura social escondida por entre os versos. A voz que silenciada encontra nas movimentações e descobertas corporais, sabores e sentidos outros de sua reexistência. Em Protestos das Panelas isso fica evidente, vejamos:

Mboas
raiva no olhar escaldantes
frustradas da zungaria
cansadas
chibatadas
protestos das panelas
lá no trinta
roque dança
suor apertado
(Seios e Versos, 2020, p. 65)

Ao que se pode verificar, não são as “panelas” que se rebelam frente às chibatadas e ao legado imposto pelos processos autoritários que impõem à mulher a forma mais cruel de lidar com as tensas e cansativas relações cotidianas. O desenho erotizado do corpo feminino é porta de entrada para vozes mais significativas presentes na

poesia de Kanguimbu Ananaz. Nela permanece viva a sensualidade, o aroma e sabores do que é experienciado, mas se potencializam os elementos subjetivos da forma poética de protestar com a palavra ao usar o corpo como escritura historiográfica. Vejo que a poesia que se afirma em Seios e Ventre não está alheia às lutas travadas pelas mulheres ao longo da História, é a forma criativa de potencializar a poesia como ato contestador de nossa relação com o corpo e aquilo que nos cerca. Entendo a poética de Ananaz como o sentimento de reencontrar-se consigo mesma e aquilo que dá sentido a sua reexistência.

O poema Andaime teu corpo apresenta não apenas a sensualidade do corpo, mas as formas de amar e se entregar como ato:

Odores sexuais
andaime
teu corpo
sobe desce
sobrevoando espaço
veloz água
sabores sexuais
teus seios
sobe andaime
és meu amor!
(Seios e Versos, 2020, p. 70)

Encerro esta leitura sobre os textos de Kanguimbu Ananaz dizendo que, em tempos tão difíceis como os que vivenciamos neste momento, ler Seios e Ventre é um ato necessário, pois amar, em suas múltiplas formas, também é uma atitude de resistir aos dissabores, desamores e desgovernos que a vida nos impõe.